



1

2

Autora

Créditos

Nada se movia, exceto a miragem. Imensas áreas ermas se sucediam em direção ao horizonte, estremecendo em silêncio sob seu efeito, enquanto a luz ofuscante do sol da tarde quase apagava os contornos das pálidas colinas de areia. Os únicos detalhes visíveis eram seus limites vagos, que se desdobravam, sem rumo, em encostas e curvas bifurcadas. Aqui e ali, apareciam sombras alongadas de arbustos secos e de pedras que salpicavam as colinas. Nada mais. Apenas a vasta superfície do deserto seco do Neguev, sobre a qual repousava o calor sufocante de agosto.

O único sinal de vida em toda essa extensão eram latidos distantes e a algazarra dos soldados ocupados em arrumar o acampamento, que chegavam a seus ouvidos enquanto observava, pelo binóculo, o espaço que se estendia a sua frente, de cima de um daqueles morros onde ele estava. Apesar da luz forte que lhe ofuscava a vista, continuou seguindo devagar as passagens estreitas e os sulcos que corriam pela areia, deixando os olhos pousarem, em alguns deles, com mais atenção. Por fim, afastou o binóculo dos olhos e limpou-o dos vestígios de suor antes de acomodá-lo em seu estojo; em seguida, foi abrindo caminho através do ar rarefeito da tarde, de volta ao acampamento.

Quando chegaram a esse lugar, tudo que havia eram duas cabanas e o que restava da parede de uma terceira, semidestruída. Foi o que se salvara depois do intenso bombardeio sofrido no início da guerra. Mas agora, ao lado das duas cabanas, já estavam montadas a barraca de comando e a barraca principal, enquanto o barulho, causado pelo fincar das estacas e pela armação das outras três barracas, onde os soldados se alojariam, ainda preenchia o lugar. Seu assistente, o primeiro-

sargento, foi encontrá-lo logo que o avistou chegando, para informá-lo de que já haviam terminado de limpar o local dos escombros e das pedras, e um grupo de soldados refazia as trincheiras. Ele respondeu que tudo precisava estar pronto antes do cair da noite e o encarregou de convocar os demais sargentos, alguns cabos e os soldados mais antigos do destacamento para uma reunião na barraca de comando, imediatamente.

A luz do entardecer entrou pela abertura da barraca e se espalhou sobre a areia, revelando na superfície as inúmeras marcas deixadas pelos pés dos soldados. Ele começou a reunião explicando que a missão básica do destacamento durante sua presença naquele local era, além de demarcar a fronteira sul com o Egito e impedir que ela fosse cruzada por infiltrados, passar um pente-fino no lado sudoeste do Neguev, limpando-o dos remanescentes árabes, pois, conforme o relato de fontes militares aéreas, havia movimentação, tanto deles como de infiltrados. Além disso, realizariam expedições de reconhecimento diárias na área, para se familiarizar com a região. Disse que tudo deveria levar algum tempo, mas que eles permaneceriam ali estacionados até que a segurança total nessa parte do Neguev fosse restabelecida. Além disso, fariam exercícios diários e manobras militares, com os outros soldados, para adquirir experiência de combate em condições desérticas e se aclimatar a elas.

Os presentes escutaram-no, atentos ao movimento de suas mãos sobre o mapa aberto diante deles, no qual o acampamento figurava como um pequeno ponto preto, quase imperceptível, dentro de um grande triângulo cinza. E como não houve nenhum comentário, o silêncio reinou na barraca por alguns instantes, durante os quais ele moveu seu olhar do mapa para os rostos taciturnos que pingavam suor e brilhavam na luz que vinha pela abertura. Retomou a fala advertindo-os de que eles teriam de incentivar os outros soldados, sobretudo aqueles que haviam se juntado recentemente ao destacamento, bem como instruí-los a cuidar de seu armamento e seus uniformes, e, no

caso de lhes faltar algum equipamento, que ele fosse comunicado no mesmo instante. E, ainda, era preciso lembrar aos novatos a necessidade de manter a higiene pessoal e de se barbear todo dia. Por último, antes do fim da reunião, ordenou que o motorista, um sargento e dois dos cabos que estavam presentes se preparassem para partir com ele, imediatamente, em uma primeira ronda de reconhecimento na região.

Antes de sair, ele passou em uma das cabanas, naquela em que decidira se alojar, e começou a levar seus pertences, que estavam amontoados perto da entrada, para um dos cantos do recinto. Depois, pegou um galão de metal, que estava no meio de suas coisas, e dele verteu um pouco de água em uma pequena bacia do mesmo material. Puxou uma toalha de uma bolsa de tecido, no formato de um saco, umedeceu-a com a água da bacia e limpou o suor do rosto. Lavou-a, tirou a camisa e passou a toalha nas axilas. Voltou a vestir a camisa e, depois de abotoá-la, lavou bem a toalha e a pendurou em um dos pregos fixados na parede. Carregou a bacia para fora da cabana e despejou a água suja na areia. Entrou de novo, depositou a bacia ao lado de seus outros pertences, no canto, e saiu.

O motorista estava sentado ao volante; os outros membros do grupo que foram requisitados para acompanhá-lo estavam em pé ao redor do veículo, e, quando ele se aproximou, todos subiram na parte de trás, enquanto ele se dirigiu para o banco da frente, ao lado do motorista, que se endireitou antes de alcançar a chave e ligar o motor, cujo rugido dominou tudo.

Partiram na direção oeste, avançando entre as colinas pálidas espalhadas por todo o lugar, seguidos por nuvens espessas de areia que irrompiam por baixo dos pneus e subiam, impedindo-os de enxergar tudo que ficava para trás. Aqueles sentados na parte traseira foram obrigados a fechar os olhos e a boca, em uma tentativa de se proteger da poeira, cujas ondas formavam nuvens de diversas formas que se dissipavam apenas quando o veículo não era mais visto e o rugido do motor deixava de ser ouvido. Só então a areia voltava a pousar lentamente sobre as colinas, borrando as linhas paralelas deixadas pelos pneus.

Chegaram à linha do armistício com o Egito, verificaram a faixa fronteira e consideraram que não fora atravessada. Com o sol quase tocando o horizonte, depois de terem já recebido suficiente calor e poeira, ele deu ordem ao motorista para que regressassem. Durante essa ronda, não encontraram nenhum sinal de vida na região, apesar dos relatos de movimentações na área.

Chegaram ao acampamento antes do cair da noite. No entanto, a leste, o azul do céu se desmanchava dentro da penumbra, onde se podia notar o brilho tênue de algumas estrelas. Os preparativos no local ainda não tinham sido concluídos, e ele, assim que saiu do veículo, anunciou que tudo deveria estar pronto antes do jantar. Assim, intensificou-se a movimentação dos soldados, cujas figuras já começavam a circular mais animadas e ligeiras pelo local.

Então ele entrou em sua cabana, que já estava toda tomada pela escuridão. Parou no centro, por alguns segundos, antes de voltar e abrir a porta para atenuar um pouco a escuridão no interior. Da parede, pegou a toalha, já totalmente seca, molhou-a com um pouco de água que derramou diretamente do galão, e foi limpando o suor e a poeira do rosto e das mãos. Inclinou-se de novo sobre seus pertences, de onde pegou um lampião, retirou o vidro, deixou-o sobre a mesa sem acender o pavio e saiu da cabana. Apesar de ter permanecido lá dentro por apenas alguns minutos, o céu agora já estava salpicado de inúmeras estrelas, que pareciam ter sido envolvidas por completo pela escuridão, como se a noite tivesse caído de repente sobre o lugar. As sombras dos soldados retomaram o movimento lento, e suas vozes ecoavam na noite escura, na qual o brilho dos lampiões acesos se esgueirava através das aberturas das barracas dos soldados e da barraca principal.

Decidiu então dar uma volta pelo acampamento para verificar como as tarefas estavam progredindo, em especial a escavação de trincheiras e a preparação de espaços de treinamento. Tudo parecia andar bem, exceto pelo fato de que já passavam das oito da noite, e eles tinham o hábito de se encontrar para o jantar às

oito em ponto. Não demorou muito para que todos se dirigissem até a barraca principal, onde se sentaram às mesas compridas.

Depois do jantar, ele foi para seu alojamento, guiado pela luz da lua cheia e pelas estrelas espalhadas acima do horizonte sombreado. Preparou-se para dormir, apagou o pavio do lampião e se deitou na cama. Afastou para longe a coberta, deixando todo o seu corpo exposto, pois o calor era pesado e tórrido; mesmo assim, adormeceu imediatamente. Havia sido um dia longo e difícil para todos: 9 de agosto de 1949.

Foi acordado pela sensação de que algo se movia sobre sua coxa esquerda. Abriu os olhos para receber a escuridão sombria e o forte calor. Seu corpo estava ensopado de suor. Havia algo perto da borda de sua cueca, que se moveu para cima e depois parou. O zumbido do silêncio continuou a preencher o lugar, interrompido de vez em quando por algum barulho bem baixinho que vinha dos soldados que estavam de guarda, pelo sopro do vento batendo no tecido das barracas e pelo latido distante de um cão, talvez pelo blaterar de um camelo.

Depois de permanecer imóvel por alguns instantes, levantou a cabeça e as costas em um único porém suave movimento. A criatura se mexeu enquanto ele se manteve inerte naquela posição, até dirigir o olhar para sua coxa, mas a escuridão não lhe permitiu ver o que estava lá, embora já lhe fosse possível distinguir o contorno dos móveis e outros objetos no cômodo, bem como as estacas de madeira sobre as quais as chapas do teto repousavam, além de uma luz tênue que se infiltrava para dentro da cabana, cuja fonte era a lua. De repente, jogou a mão contra a criatura, atirando-a para longe. Correu até o lampião e o acendeu; guiado pela chama, caminhou girando a luz pelo espaço entre a cama e a mesa. E por não perceber nenhum movimento, exceto as sombras oscilantes lançadas por alguns seixos espalhados à medida que o lampião passava sobre eles, as quais examinou com atenção, decidiu expandir o círculo de busca, incluindo a própria cama e o chão abaixo dela, os cantos da cabana, perto da porta, junto à mala, à caixa de equipamentos e

aos seus outros pertences, e, em seguida, as paredes e as partes mais próximas ao teto, a cama novamente e perto das botas. Balançou, então, suas roupas penduradas nos pregos fixados na parede, e olhou mais uma vez, com cuidado, a cama e todo o chão, todos os cantos, as paredes, o teto e por último a área coberta pela sua própria sombra, que pulava com ele de um lugar para outro. Finalmente ele parou, e a luz também parou, bem como as sombras lançadas pelo local. Aproximou o lampião da coxa, onde sentia uma leve queimadura. À luz da chama, dois pequenos furos avermelhados apareceram. Era evidente que a criatura tinha sido mais rápida do que ele e conseguira picá-lo antes de ser arremessada para longe.

Apagou o lampião, deixou-o ao lado da caixa de equipamentos e voltou para a cama, mas não conseguiu dormir. A sensação de ardor na área da picada, no topo da coxa, foi piorando pouco a pouco, tanto que, ao amanhecer, ele sentia como se a pele tivesse sido esfolada.

Deixou a cama e se dirigiu até o canto onde havia reunido seus pertences, agora salpicados pela luz do sol da manhã, que penetrava pelos furos das chapas do teto. Encheu a bacia com água, pegou a toalha pendurada no prego, molhou-a bem, torceu-a para remover o excesso de líquido e depois a passou no rosto, no peito, nas costas e nas axilas. Vestiu a camisa e, em seguida, as calças, mas apenas até um pouco acima dos joelhos, quando parou para observar a picada da coxa por um momento. Um ligeiro inchaço havia se formado ao redor dos dois furos, que já estavam com uma cor escura e doíam. Levantou as calças e enfiou a camisa para dentro, apertou o cinto até a marca deixada no tecido. Lavou a toalha e pendurou-a no mesmo prego. Deu uma olhada geral e vagarosa nas paredes, no teto e no assoalho, e depois saiu.

Naquela manhã, interromperam a ronda quando o sol estava quase a pino e não podiam mais suportar o calor, nem mesmo ficar sentados no veículo, que parecia pegar fogo, tão alta era a temperatura, no início da tarde de 10 de agosto de 1949.



Os soldados descansavam nas estreitas áreas sombreadas ao lado das barracas, pois era impossível ficar nos amplos espaços abertos sob o sol, onde cada grão de areia sugava o calor dos raios ardentes desde a manhã. Ele, por sua vez, foi forçado, devido à forte cólica que o acometeu durante a ronda, e não por causa do calor, a se retirar de imediato para seu alojamento, assim que desceu do veículo, sem parar na barraca de comando nem para inspecionar as atividades no acampamento.

A água suja usada por ele de manhã ainda estava no mesmo lugar em que a deixara. Pegou a bacia, levou-a para fora e jogou a água a certa distância da entrada. Em seguida, encheu-a de novo com água limpa do galão. Tirou toda a roupa, exceto a cueca; pegou a toalha pendurada e, depois de umedecê-la, foi passando-a no corpo. Começou com o rosto, depois a nuca e em seguida as partes das costas que conseguia alcançar. Lavou a toalha novamente antes de passá-la nos braços e nas axilas, deixando por último as pernas, exceto a área da ferida, que já estava inchada e avermelhada. Depois de lavar bem a toalha e pendurá-la no prego, pegou uma pequena caixa, que havia deixado em um canto da sala, ao lado do resto de seus pertences, e se dirigiu até a mesa, onde a depositou. Abriu-a e dela tirou antisséptico, algodão e gaze. Verteu um pouco de antisséptico no algodão e começou a limpar a picada com muito cuidado; quando terminou, enfaixou o local com gaze. Foi até a cama e se deitou. Uma aguda contração começava a tomar conta de suas costas e dos ombros.

Embora lhes parecesse útil para se familiarizarem com a área e desvendarem seus enigmas, a ronda do início da tarde também não surtiu efeito, no que se referia a detectar infiltrados. As dunas monótonas ao redor deles continuaram taciturnas, sem revelar nenhum outro vestígio a não ser os deixados pelas rodas do próprio veículo.

Enquanto isso, no acampamento, com o avanço do dia e a persistência do calor, os soldados continuaram a se arrastar lentamente atrás de suas sombras, perseguindo-as conforme se

moviam ladeando as barracas. Quando voltou da ronda, e apesar do aumento da cólica sentida antes do meio-dia, ele se dirigiu até um grupo que incluía vários dos soldados mais antigos, atualizou-os a respeito das duas rondas do dia e lhes perguntou como estavam se aclimatando às condições do local e ao calor, sobretudo durante os exercícios atribuídos a eles. Depois de ouvir suas breves respostas, enfatizou a necessidade de estarem ali e de realizarem aqueles exercícios, tão importantes quanto as missões de combate nas quais poderiam participar além dos limites do acampamento, sendo que sua presença naquele lugar e a forma como resistiam, independentemente de sua incorporação em algumas operações militares, desempenhavam um papel fundamental no domínio da área e no estabelecimento de uma nova fronteira com o Egito, tornando-a invulnerável a qualquer tentativa de infiltração. Eles eram o primeiro e único destacamento a chegar a esse ponto extremo no sul desde que a trégua fora anunciada, e era deles a total responsabilidade de mantê-lo seguro.

No caminho para seu alojamento, parou na barraca de comando, onde estavam seu assistente, os sargentos e o motorista, recuperando-se dos efeitos da ronda da tarde; avisou-os de que eles iriam realizar outra ronda antes do pôr do sol.

E, de fato, houve outra, e mais outras no dia seguinte, e nos outros dias; mas tudo que o lugar revelava eram turbilhões de areia e nuvens de poeira, que pareciam ter um único objetivo: persegui-los e caçar deles. Contudo, isso não conseguiu deter suas operações de busca, assim como o silêncio das colinas inóspitas não foi capaz de debilitar sua determinação em localizar os árabes que haviam permanecido na área e pegar os infiltrados que rapidamente se escondiam nas dunas, logo que escutavam o ruído do veículo. Suas sombras escuras e esguias às vezes apareciam dançando entre as colinas, mas quando o veículo rugia em sua direção e alcançava o local, nenhum deles era encontrado.

Apenas o calor, quando se tornava insuportável, e a falta da

luz, quando a noite começava a cair, conseguiam pôr fim àquelas perseguições, e somente então ele dava ordens ao motorista para levá-los de volta ao acampamento.

Ao entardecer, o ar se tornava menos pesado e denso, e a temperatura, tolerável. Isso animava os soldados, que em sua maioria não haviam deixado o acampamento ou mesmo se afastado das sombras das barracas, para as quais eles corriam logo que os exercícios militares diários terminavam. E assim, depois do pôr do sol, suas conversas e risadas ressoavam em toda a área até as dez da noite, quando se retiravam para suas barracas e ele ia para a cabana.

Lá dentro, a escuridão era intensa e chegavam de longe alguns sons, que a princípio soaram como murmúrios, fragmentos de balbúrdia irreconhecíveis, mas que gradativamente foram se tornando distinguíveis: o vento soprando no tecido das barracas, os passos dos guardas de plantão e suas chamadas repentinas, intercaladas por alguns tiros distantes, pelo latido de cães ou talvez o blaterar de camelos.

Suado, respirando com dificuldade o ar pesado do ambiente, sentado à mesa sobre a qual vários mapas estavam espalhados, ele ainda ouvia aqueles sons distantes, o que aguçou sua dor de cabeça. Não tinha se livrado da roupa ainda, nem mesmo das botas, nas quais a umidade do suor acumulado afogava seus dedos, presos nelas desde as primeiras horas do dia. Era quase meia-noite: 11 de agosto de 1949. Ele moveu lentamente as mãos para a beirada da mesa, retesou as pernas e levantou-se da cadeira, mas teve de se apoiar nela de novo com as duas mãos, até o corpo cansado se firmar. Respirou fundo, dirigiu-se até a caixa que guardava no canto da cabana, inclinou-se sobre ela, pôs as mãos sobre as duas travas, abriu-as e levantou a tampa. Introduziu a mão direita e retirou uma caixinha de projéteis. Ergueu-se e voltou para a mesa, onde depositou a caixinha e começou a passar seu conteúdo para os bolsos do colete, com as mãos trêmulas. O suor brotava da raiz de seu cabelo, acima das têmporas e bochechas. Quando terminou, pegou seu rifle,

encostado à mesa, jogou-o no ombro e saiu da cabana.

A escuridão não parecia tão intensa do lado de fora, mesmo sem a lua cheia das duas noites anteriores. Ele parou por um instante no portão do acampamento, esperando que os soldados de guarda o abrissem. Saiu em direção às colinas sombrias, que lentamente o engoliram.

Andou por um longo tempo, mesmo sob o efeito da cólica aguda que lhe apertava a barriga e da contração nas costas. Seus passos eram claudicantes e ele se esforçava para manter o equilíbrio toda vez que a areia o surpreendia, com depressões ou elevações, conforme pisava. Mesmo assim, não parou sua marcha dentro da escuridão, de cujas entranhas surgiam, de tempos em tempos, uivos distantes; até que foi surpreendido por um declive íngreme que o lançou para o fundo da encosta.

Quando a areia finalmente parou de puxá-lo, ele tentou se levantar, mas a forte rigidez nos membros o lançou de novo ao chão. Então, ajeitou um pouco a posição de seu corpo com a intenção de se sentar e respirou fundo, recuperando o fôlego, mas sem aliviar o aperto no peito.

Permaneceu sentado onde estava, com os olhos fixos no espaço que se estendia diante dele; era penumbra e mais penumbra. A mão esquerda sobre a coxa apalpava, por cima da calça, o lugar da picada. Passado um tempo, sua pulsação diminuiu, depois de ter ficado muito acelerada, dando-lhe a impressão de que estava sufocando enquanto caía. Virou a cabeça para a direita e depois para a esquerda. Ele estava só no meio das colinas. Olhou para as estrelas que salpicavam o céu, até o encontro com o cume das colinas, e, entre elas, a lua abria seu caminho a oeste, em direção à linha escura do horizonte. Afastou a mão da coxa, descansando-a ao lado, na superfície arenosa, e empurrou o corpo para cima, tentando ficar em pé; mas perdeu o equilíbrio e quase desabou, não fosse o rápido reflexo que o pôs de pé, dirigindo-se em seguida para a colina que estava diante dele; iniciou então sua escalada. Chegou ao topo com a penumbra cobrindo seus olhos. Uma vez no alto,

parou por um momento e deu um giro, passando os olhos no espaço sombrio ao seu redor. Uivos dispersos alcançavam seu ouvido, em ecos repetidos pelas colinas, de modo que era impossível identificar de onde vinham. Pareciam ser parte da escuridão que jazia sobre os elevados arenosos espalhados por toda parte. Retomou a caminhada.

Seguiu caminhando até o fim da noite, até quando as sombras começaram a se dissipar, e as bordas das colinas, a aparecer com a claridade do amanhecer. Naquele instante, uma lufada de ar frio atravessou-lhe as roupas, infiltrando-se em sua pele e de lá até os ossos. Sacudiu-se depois de um arrepio forte, sua respiração se alterou de novo e ele foi obrigado a parar de andar. Tentou inspirar com parcimônia, mas sua garganta de repente liberou uma tosse frustrada e um arrote, levando-o a inclinar a cabeça e a vomitar.

Quando a crise de enjoo passou, ele pegou, com as mãos trêmulas, o cantil que lhe pendia da cintura; tirou a tampa, aproximou-o dos lábios e lavou a boca várias vezes. Depois de cuspir a água do último bochecho e se acalmar um pouco, chegou a escutar novamente aqueles ruídos vindo de trás das colinas, mas agora em um tom mais elevado. Parecia que a luz do amanhecer de repente encurtara a distância que o separava daqueles sons. Sua respiração voltou a se alterar e o corpo a tremer; começou a mudar apressadamente seu olhar de uma colina desértica para outra, entre as dezenas espalhadas ao redor. E decidiu tomar a direção dos ruídos, que foram aumentando e acelerando, assim como as pulsações de seu coração, à medida que a distância se encurtava e ele conseguia distinguir alguma coisa. Parou de marchar por uns instantes, mas logo retomou a caminhada, apesar dos tremores por todo o corpo, em direção aos ruídos, cuja origem não era outra senão os soldados de seu destacamento. Quinze minutos o separavam do acampamento, de onde partira havia várias horas.

A luz pálida da manhã cobriu os picos das colinas ao redor do

acampamento, onde se espalhavam os soldados que haviam despertado. Alguns saíam das barracas, outros desapareciam nelas, enquanto alguns tomavam lugar na fila que se formava ao lado do tanque de água, com a toalha no ombro ou no pescoço, esperando sua vez para usar a torneira. Quando ele cruzou o portão principal, passando por eles a caminho de sua cabana, todos se endireitaram, levantando a mão em direção à cabeça para lhe prestar continência, com o olhar no vazio.

Uma sombra agradável aconchegava-se na cabana. Fechou a porta atrás de si e avançou em direção à mesa, retirou a cartucheira e a depositou ali; em seguida, aproximou-se da cama e parou, depois de encostar o rifle na parede, à sua direita. Permaneceu inerte por algum tempo, enquanto a escuridão aos poucos se dissipava, evidenciando os objetos do lugar. As contrações se espalhavam por todo o seu corpo. Inclinou-se lentamente em direção aos pés e começou a desamarrar as botas, cuja cor, por causa da poeira, havia mudado de marrom para amarelo pálido. Pegou as botas com as duas mãos e levantou o corpo, impulsionando-o, com o rosto contraído de tanto esforço. Caminhou em direção à porta; abriu-a, parou na entrada da cabana e começou a bater um pé da bota no outro, formando um halo de poeira. Voltou para o interior, empurrou as botas para debaixo da cadeira, tirou a camisa e as calças, largou-as sobre a cadeira; foi então para a cama, sentou-se na beirada e começou a examinar o curativo que cobria a picada na coxa esquerda. A pomada amarela que ele passara antes havia vazado da atadura branca. Ele levantou a cabeça de novo e começou a passar os olhos, lentamente, pelo lugar, exceto pelos pontos em que a luz já tinha invadido, penetrando pelas fendas, de onde ele desviava o olhar com rapidez. Quando terminou de observar o espaço, virou-se com cuidado e deitou-se de costas. Logo, manchas negras começaram a dançar diante de seus olhos. Ele examinou os objetos no aposento, a começar pela mesa e pela cartucheira, passando pelo caixote, pela bacia, pelos pregos na parede, por suas roupas na cadeira, pelas botas embaixo dela; manchas de luz escapavam por entre as chapas do teto e pela porta; e então o

acampamento, as dunas sombrias, o declive de onde caíra, as areias nas quais tentou se agarrar, a lua e o horizonte escuro, as roupas na cadeira, os pregos na parede, o curativo que ele removeria de sua coxa; num salto, pulou da cama e depois voltou a se sentar. O curativo estava no lugar. Levou a mão até ele e lentamente começou a desfazer a atadura, num movimento semicircular, em que uma mão retirava uma camada e a outra pegava a gaze; e assim a mancha amarela da pomada foi ficando cada vez mais escura a cada volta, até que ele desfizesse a atadura por completo. Uma olhadela para o lugar da picada o fez pular, impulsionando a cabeça para cima. Ele ficou de pé e engoliu a saliva várias vezes, antes de novamente observar a faixa de gaze que pendia da mão direita. Além das manchas da pomada, que formaram círculos ao longo dela, o tecido estava esgarçado em muitos pontos. Ele avançou em direção à mesa perto da cartucheira, abaixou a cabeça e reexaminou o inchaço que se formara em sua coxa. Estava cheio de pus amarelo e cercado por um círculo vermelho, outro azul, e um terceiro, preto.

Usou mais da metade do conteúdo da água que sobrara no galão para se lavar. Pegou da mala uma muda de roupas limpas e, da caixa de equipamentos, gaze, algodão, antisséptico e o pote de pomada. Derramou um pouco de antisséptico no algodão e começou a limpar a área inflamada com cuidado; em seguida, enfiou o dedo no pote e espalhou uma quantidade de pomada em torno da picada. Repetiu a operação uma, duas, três, quatro vezes, até esconder totalmente o inchaço. Enfaixou então a coxa com a nova gaze, vestiu as roupas limpas, calçou as botas, voltou a se sentar na beirada da cama e entregou os ouvidos aos ruídos que vinham de fora, dividindo com ele a suave sombra que se estendia pelo lugar.

Do lado de fora, ecoou um alvoroço gerado pela atividade diligente dos soldados, que ocorria duas vezes ao dia, no início e no final do dia, quando a temperatura lhes permitia praticar exercícios militares e andar pelo acampamento. De repente, ele pulou para cima da cama e se aproximou de um canto do teto, abrindo os olhos o quanto permitiam suas pálpebras inchadas, e

fixou o olhar. Logo depois, caminhou até a porta e a escancarou. Uma luz penetrante chegou até o chão do aposento, na entrada, sem que avançasse para iluminar o interior. Veio acompanhada pelas vozes dos soldados vindas do lado das barracas. Ele voltou até a parte do teto que estava examinando e lá parou. Levantou a cabeça o máximo que pôde e fixou os olhos de novo, mas não ficou naquela posição por muito tempo: instantes depois, baixou a cabeça bruscamente e esfregou o pescoço, enquanto piscava várias vezes. Voltou para o canto da sala perto da entrada, inclinou-se e lá ficou agachado, observando um ponto específico, até mover os olhos para o canto em que seus pertences estavam amontoados e rastejar até ali. Quando alcançou a caixa de equipamentos, puxou-a e olhou atrás dela. Havia uma aranha de patas finas, grudada do outro lado. Estendeu a mão direita, esmagou-a e continuou a rastejar para perto da cama, sob a qual várias pequenas aranhas descansavam e onde elas tinham, com seus filamentos, costurado uma teia dentro da qual, aprisionado, estava um besouro cinzento já morto. Esmagou-as com a sola da bota, logo que a passou por debaixo da cama. Então se curvou de novo, aproximou a cabeça do chão e olhou mais perto. E, com movimentos rápidos, começou a pular de um lugar para outro, esmagando inúmeros pequenos insetos que rastejavam pelo chão.

Seguiu sua ronda no quarto, e, com os olhos, inspecionava com cuidado as paredes. Duas aranhas e uma mariposa foram exterminadas. Subiu então na mesa e virou a cabeça para o teto, fixando o olhar no primeiro canto, mas algumas manchas e faixas escuras começaram a tremular diante de seus olhos, seguidas por uma escuridão débil que se espalhou por todos os cantos do alojamento. Ele perdeu o equilíbrio e quase caiu, então saltou para o chão e puxou a cadeira, sentou-se e descansou a cabeça na beira da mesa, fechando as pálpebras avermelhadas.

Enquanto isso, um pequeno inseto avançou em direção à parede e, deslizando por um vão que havia ali, fugiu para fora.

Passado um tempo, ele abriu os olhos e começou a piscar novamente. Levantou a cabeça da mesa, aproximou ambas as



mãos e apertou as têmporas, com o semblante carregado. O blaterar de um camelo e o latir de um cão conseguiram chegar até ele pela porta, mas o alvoroço dos soldados, que treinavam e se exercitavam em vários lugares do acampamento, abafou-os de novo. Cerrou as pálpebras e permaneceu ali sentado, cercado por muitos sons de volume, distância e intensidade variados, bem cedo naquela manhã de 12 de agosto de 1949.

Pouco tempo depois, lá estava ele subindo no veículo, na companhia de dois sargentos e três soldados. Acompanhava com o olhar seu pé direito conforme pisava no degrau do veículo, antes de empurrá-lo para diante do banco da frente, onde seu corpo desabou. À sua esquerda, estavam o câmbio de marcha e os cinco indicadores em forma de relógio, cujos ponteiros, frenéticos, se agitavam. As manchas negras novamente obscureceram sua vista por alguns instantes, e depois por um longo espaço de tempo.

Dessa vez, eles partiram sem abrir nenhum dos mapas que costumavam estudar antes de sair para realizar as costumeiras rondas. Ele apenas instruiu o motorista para que os levasse em determinada direção. “Vá para lá”, disse ele, indicando uma colina que desenhava um recorte na linha do horizonte.

E lá se foram as rodas do veículo engolindo a areia antes de espalhá-la no ar com abundância, transformando-a em longas nuvens de poeira que, como sempre, se espreguiçavam às suas costas, enquanto eles avançavam observando as colinas que incansavelmente se sucediam, em ambos os lados da estrada. Mas, assim que alcançaram a colina indicada, ele logo apontou para outra, paralela ao horizonte, em linha reta à qual tinham acabado de chegar. E assim continuaram sua ronda, de uma colina para outra, até que pararam a certa distância de uma delas, para examinar algumas pegadas na areia.

Assim que o motor foi desligado e eles desceram do veículo, uma calma quase absoluta dominou o lugar. Só se escutava o som abafado de seus passos na areia conforme iam avançando durante a exploração. Quando terminaram, tomaram um pouco de água,

regressaram ao veículo e se prepararam para partir em direção “àquela colina”, que ele sinalizou do banco do carona, antes de tomar uma golfada de ar, respirando fundo, o que o obrigou a fechar os olhos. Quando os reabriu, a colina havia sumido atrás das manchas negras que começaram a se mover diante de seus olhos feito um inseto frenético. Levantou a mão, de repente, abrindo a palma no ar, fazendo os soldados se calarem no mesmo instante. Apenas um momento depois, acenou para o motorista ligar o motor de novo, mas antes disso o som de um cão latindo foi ouvido.

De longe, avistaram palmeiras-dum, terebintos e canas-do-reino, por entre cujos caules corria um filete de água. Tão logo pararam o veículo, ele desceu e correu naquela direção, seguindo uma encosta de areia que o levou suavemente para baixo. Atrás dele, estavam os outros membros da patrulha, para quem não olhou, pois seus olhos estavam pregados nas árvores, detrás das quais, além dos latidos de um cão, chegava também o blaterar de camelos. Assim que ele pôs os pés na base da encosta, correu e foi atravessando caules e ramos, que de repente se abriram para revelar um grupo de árabes, de pé, imóveis ao redor da nascente. Seus olhos encontraram os olhos dos árabes, tão abertos quanto os olhos dos camelos, que se assustaram quando ouviram novos latidos e se afastaram alguns passos. Depois só se ouviu o barulho de um intenso tiroteio.

Por fim, o latido do cão cessou, e alguma calma tomou conta do lugar. Agora, só se ouvia o choro contido de uma menina, que se dobrava sobre si feito um besouro, e o farfalhar das folhas das árvores quando os soldados passavam entre elas, vasculhando o lugar em busca de qualquer tipo de arma, enquanto ele olhava o esterco deixado pelos animais naquela área verde cercada por intermináveis dunas estéreis. Então ele caminhou por entre os camelos, jogados sobre o solo, como morrinhos cobertos por grama seca. Eram seis. Todos mortos, a areia já engolia lentamente seu sangue, os membros de alguns deles ainda se

mexiam, em movimentos quase imperceptíveis. Seus olhos então pararam sobre um punhado de grama seca que estava ao lado da boca de um dos camelos, e que parecia ter sido recém-arrancado; em suas raízes, ainda havia grãos de areia.

Nenhuma arma foi encontrada. Os dois sargentos e os soldados vasculharam a área várias vezes sem resultado. Finalmente, ele se virou para a massa arredondada preta que continuava a gemer e decidiu tocá-la; agarrou-a com as duas mãos e a chacoalhou. O cão foi ouvido de novo, e o latido se misturou ao choro da menina. Ele empurrou a cabeça dela para baixo, cobrindo-lhe a boca com a mão direita, que ficou lambuzada pela viscosidade da baba, do ranho e das lágrimas da jovem. Seu cheiro fez-lhe virar a cabeça; no entanto, ele logo se voltou a ela, aproximou sua outra mão da própria boca e pôs o indicador sobre os lábios, olhando-a diretamente nos olhos.

Quando a patrulha chegou ao acampamento, quase todos os homens estavam sentados ao longo da estreita faixa de sombra que corria paralela às barracas. E, quando fizeram a jovem e o cão descerem da parte traseira do veículo, alguns abandonaram a sombra e se aproximaram dos recém-chegados. Ele moveu seu olhar da área das barracas para a areia que refletia os raios do sol escaldante, e depois para o veículo, o que expôs seus olhos a diferentes graus de luminosidade, cobrindo-os com manchas pretas e cinzas, que se tornavam mais densas graças às moscas que pairavam ao redor do grupo. Por fim, cravou o olhar em seu assistente, que já lhe perguntava o que fazer com a menina. Alguns momentos se passaram antes que ele respondesse. Sua mandíbula permaneceu travada até que ele baixou a cabeça na direção da areia, fechou as pálpebras e fez várias respirações curtas. Só então ele respondeu que, por enquanto, eles teriam que deixá-la na outra cabana, designando um soldado como guarda, e que mais tarde decidiriam o que fazer com ela. Em todo caso, não podiam soltá-la naquele deserto ermo. Quando levantou a cabeça de novo, olhou para os homens, que já estavam reunidos em torno dos recém-chegados, e dirigiu-se a eles com

uma voz clara e um tom ameaçador: ai de quem se aproximar dela. Deixou-os e caminhou até sua cabana.

Assim que entrou, foi direto para a cama e se deitou, fechou as pálpebras inchadas e se entregou rapidamente a um sono profundo.

Ele abriu os olhos, moveu-se vagorosamente de onde estava e com cuidado sentou-se na beira da cama. Um instante depois, levou a mão esquerda em direção ao rosto e esfregou de leve as bochechas. Levantou-se, foi até a porta e a abriu. Um pouco de luz penetrou o interior sombrio da cabana e envolveu seu corpo enquanto ele enfiava a cabeça pela porta para dar uma olhada. Não dormiu muito, pelo menos não o suficiente para a sombra voltar a ocupar uma extensão maior de areia. Foi de novo para dentro e começou a caminhar pelo quarto, examinando as paredes, os cantos e o teto; seus olhos perceberam o ligeiro movimento de três aranhas, que foram imediatamente esmagadas com a mão. Ele então foi para o canto onde seus pertences estavam e derramou um pouco de água na bacia de metal e, da caixa de equipamentos, tirou os apetrechos de barbear e um pequeno espelho, que pendurou num prego, e começou a examinar seu reflexo. Ao longo dos últimos três dias, sua pele ficara mais escura em alguns pontos e mais vermelha em outros, especialmente em torno das pálpebras, mesmo que ele nunca deixasse de usar o boné, que aliás havia feito uma marca em sua testa.

Passou um pouco de creme de barbear nas bochechas e no queixo; umedeceu o pincel com a água limpa que tinha derramado na bacia e o aproximou do rosto, onde espalhou o creme em movimentos circulares até que a pele ficasse toda branca. Assim que terminou, começou a remover a espuma com a navalha, primeiro das maçãs do rosto e depois, do pescoço. A cada movimento, a navalha ficava coberta de espuma, cuja cor foi aos poucos mudando do branco para marrom-claro, devido aos pelos loiros da barba que se misturavam ao creme e lembravam grãos de areia. Em seguida, ele passou a navalha na borda da

bacia, para retirar o acúmulo de espuma, que escorregava para dentro da bacia e, atingindo a superfície da água, aos poucos se desfazia, sem deixar de flutuar.

Quando terminou de fazer a barba, levou a bacia de água suja para fora e jogou seu conteúdo na areia, a certa distância da entrada. Voltou para dentro e fechou a porta, mas não completamente, deixando que um pouco de luz se esgueirasse atrás dele. Verteu água do galão na bacia, despiu-se e desatou a faixa do curativo, sem olhar para o lugar da picada, que agora já parecia uma ferida infectada, porém sem lhe causar nenhuma dor. Começou a se lavar ali mesmo, abdicando do banho junto aos outros membros do destacamento.

Primeiro umedeceu a toalha na água da bacia, esfregou-a na barra de sabão e passou no rosto, no pescoço e nas orelhas. Enfiou a toalha de novo na água e a torceu, esfregou o peito, a barriga e o que conseguiu alcançar das costas antes de levá-la de novo à bacia, lavá-la e torcê-la e depois passar nos braços, nas axilas e em seguida nas pernas, contornando a área ao redor da picada, acima da coxa, com extrema suavidade, sem olhar para ela. Ainda assim, sua boca ficou cheia de saliva, então ele moveu com rapidez a cabeça para cima e respirou profunda e lentamente.

Depois de limpar a virilha, lavou bem a toalha com sabão e a pendurou na parede; voltou para a cama e se deitou, deixando a ferida descoberta. Pouco tempo depois, levantou-se, caminhou até a caixa de equipamentos, no canto da cabana, e tirou um novo rolo de gaze, algodão e antisséptico. Derramou um pouco do líquido no algodão, limpou o machucado rapidamente e o enfaixou, sem apertar muito. Devolveu o antisséptico à caixa, inclinou-se sobre a mala ao lado e tirou uma muda de roupas limpas, que exalava um cheiro agradável, embora já fraco, mas que chegou até seu nariz e ficou ali alojado por alguns instantes antes de se dissipar.

Começou a se vestir. O tecido das roupas, seco e limpo, roçava-lhe a pele, enquanto ele vasculhava as paredes, o chão e o teto com os olhos avermelhados, fechando-os de vez em quando.

Tudo estava totalmente calmo ao seu redor. Depois de calçar as botas, dirigiu-se à porta, que estava entreaberta, abriu-a por completo e lá ficou a contemplar a cena que se desdobrava diante dele, composta na maior parte do céu, com o sol em seu extremo sul, depois vinham a areia, as barracas, a segunda cabana e o cão deitado a uma curta distância dela, com a cabeça sobre as patas da frente, olhando para a porta trancada, ao lado da qual havia um soldado sentado.

O cão pulou e começou a latir logo que ele se aproximou da segunda cabana, mas ele nem olhou para o animal. Em vez disso, dirigiu-se ao soldado de guarda, ordenando-lhe que abrisse a porta. Ele entrou, e quando a luz que o acompanhou não venceu a escuridão, deu a volta imediatamente, saiu e ordenou ao guarda, que ainda estava do lado de fora, que trouxesse a menina e o seguisse.

Quando ele já tinha dado alguns passos, o cão começou a latir de novo, por isso ele começou a andar mais devagar, sem voltar os olhos para trás; apenas baixou a cabeça um pouco na direção de sua sombra, que se estendia sobre a areia, se arrastando com leveza à sua frente conforme ele avançava atravessando o acampamento em direção ao tanque de água, enquanto o soldado cumpria suas ordens. Era o meio da tarde.

Chegando perto do tanque, ele se virou para o soldado, que estava logo atrás dele segurando a menina pelo braço, seguidos pelo cão. Ele ordenou que ficasse onde estava e olhou para as barracas dos soldados, alguns dos quais haviam deixado seu lugar na sombra, chegando mais perto do tanque para acompanhar o que acontecia. Ele ordenou ao primeiro que avistou que trouxesse uma mangueira e a conectasse à torneira; o soldado foi imediatamente em direção ao centro do acampamento, onde os equipamentos estavam reunidos. Os soldados que se juntaram em torno deles continuaram a olhar para ele e para a menina calados, enquanto ele observava o cão que estava próximo, e depois olhou para as barracas, que competiam com as dunas estendendo-se em direção ao azul pálido do céu.

Logo o soldado voltou com a mangueira enrolada no braço em círculos regulares; foi direto para o tanque e ajustou uma das extremidades na boca da torneira. Ele ordenou que lhe passasse a outra extremidade, e o soldado soltou a mangueira enrolada no chão, para que ela o seguisse enquanto se movia. Depois de receber a ponta da mangueira, ele se aproximou da menina e, com a mão esquerda, removeu o pano preto de sua cabeça; em seguida, usando também a mão direita, com a qual segurava a mangueira, agarrou com firmeza as duas bordas da gola do seu vestido e as puxou; o som agudo do pano se rasgando rompeu o silêncio. Deu uma volta em torno da menina, puxando o vestido até arrancá-lo totalmente de seu corpo, lançando-o em seguida para longe, o mais distante que pôde, junto com os outros trapos que ela trazia enrolados no corpo, em que se acumulavam o fedor do esterco de animais, o bafio azedo da urina e dos fluidos secretados pela genitália, além da peste ácida do suor antigo intensificada pelo suor recente. O ar ficou carregado com todos esses odores penetrantes, e o corpo da menina era responsável por boa parte deles. Isso o forçava a virar a cabeça, para um lado e para outro, a fim de não inspirar o cheiro que a envolvia. Finalmente, ele deu alguns passos para trás e ordenou ao soldado, que ainda estava ao seu lado, que fosse abrir a torneira.

Pouco depois, a água fluía pela mangueira, que ficou mais pesada na sua mão, e de repente ele tirou o dedo da abertura e deixou a água se derramar na areia. Ao penetrá-la, a água deixou-a mais escura, como as areias sombreadas. Rapidamente, ele dirigiu o fluxo da mangueira para a menina, e a água foi caindo sobre seu corpo.

Começou a molhá-la, arqueando o próprio corpo para evitar que os respingos da água o alcançassem, e girou em torno dela, movendo o jato de água da barriga para a cabeça, em seguida para as costas, e de lá para suas coxas e seus pés, nos quais os grãos de areia se juntavam; depois de volta para a parte superior do corpo. Após tê-la molhado por inteiro, permitindo que a água atingisse todas as partes, tapou a boca da mangueira com o polegar, virou-se para os soldados, que ainda estavam reunidos